

## NIKIAS SKAPINAKIS: O TEATRO DOS OUTROS / 2007

um filme de Jorge Silva Melo

**Realização:** Jorge Silva Melo / **Imagem:** José Luís Carvalhosa / **Som:** Armanda Carvalho e Emídio Buchinho / **Montagem:** Vítor Alves

**Produção:** Artistas Unidos, RTP / **Produtor:** Manuel João Águas / **Cópia:** Betacam digital, cor, 62 minutos / **Estreia em Portugal:** RTP2, 12 de Outubro de 2007, Galeria Fernando Santos (Lisboa), 27 de Outubro de 2007

---

### AVISO

Por razões relacionadas com a cópia disponível de *Nikias Skapinakis (Continuando)*, não será possível apresentar esta curta-metragem como inicialmente previsto. Assim, na sessão de 18 de Maio, às 21h30, será exibido apenas o primeiro título previsto, *Nikias Skapinakis: O Teatro dos Outros* (2007, 62 minutos). Lamentando o sucedido, agradecemos a compreensão dos espectadores.

---

O que mais interessou Jorge Silva Melo em Nikias Skapinakis? A resposta está no título deste documentário: o teatro dos outros. Das primeiras reproduções que vemos (Nikias, um rapaz de Lisboa) até às mais recentes, está sempre em causa a figuração, mais ou menos teatral, da geografia física e humana de uma cidade. Estamos, como disse Michel Butor, «na máquina de um teatro alheio». O teatro dos pátios lisboetas dos anos 50, palmeiras, telhados, varandas, tanques, gatos, ou o teatro recente dos quartos de artistas, memórias imaginadas que juntam a presença e a ausência.

Quase toda a obra de Skapinakis se faz de paisagens com figuras ou de retratos com paisagens. Ele foi um pintor que ficou, que ficou em Lisboa, um dos não-exilados, hoje como em décadas passadas trabalhando no seu atelier lisboeta e observando a vida portuguesa «com impávida ironia». O percurso da sua pintura, do cromatismo aparentemente ingénuo até à actualíssima incorporação de *tags*, reclama a urgência da realidade, e já na década de 50 o artista polemizava contra quem recusava o realismo, defendendo uma decisiva «invenção no plano do real». Escreveu José-Augusto França: «Pintor de naturezas-mortas lembradas de Morandi, e de figuras isoladas onde ecoam valores sentimentais dos anos 30 do Modernismo nacional, Nikias foi também um pintor da cidade vazia de gente e vista como um cenário de pintura metafísica, detido no seu real possível». Mesmo quando se afasta da figuração, como nos chamados «detritos», ou quando desenha ironias mitológicas, Nikias nunca deixa de perseguir um real possível. Que é sempre um real individual.

O individual está no entanto atento ao colectivo, como este documentário nos lembra. Nikias torna-se um cronista decisivo de Lisboa pelo menos depois do quadro de 1960 com aquela tertúlia triste de Cochofel, Joel Serrão e Abelaira à mesma mesa parada, imagem

obviamente política do tédio e rarefacção mas também momento alto de um longo estudo sobre a melancolia portuguesa. Melancolia é aqui um outro nome para as mudanças na burguesia portuguesa, por exemplo com a maior preponderância pública das mulheres, como no quadro com outro trio alheado: Natália Correia, Fernanda Botelho, Maria João Pires. De novo, os intelectuais como barómetro de um mal-estar civilizacional a que só não chamamos «difuso» porque havia uma ditadura.

É talvez a fase da pintura de Skapinakis que deixou uma imagem mais forte. Ainda com exuberância cromática (“não-amável”, garante Nikias), os quadros obedecem agora a uma planificação austera, com algumas tangentes ao cartaz publicitário e à arte pop, mas num estilo nada lúdico, antes distante, articulado, *dignified*, que é aliás o estilo do próprio Skapinakis, nos seus depoimentos que mais parecem conferências.

O real paisagístico acaba por ser menos real que o real do retrato, porque este se prevalece de um classicismo impecavelmente oficial. Como notou o crítico António Rodrigues: «A necessidade de apreensão do real de Nikias encontrou a via natural e acertada no retrato, um dos mais prestigiados géneros da pintura antiga e da sabedoria oficial que lhe é própria. A modernidade mais ortodoxa achou ter posto fim ao retrato, reservando-lhe o papel de ser tudo aquilo que quisesse desde que evitasse a tentação da semelhança própria da representação. Nikias contrariou esse dogma com a sua impassibilidade desconcertante». Atento e impassível, discreto provocador, Skapinakis mostrou com um realismo estilizado pode ser o mais realista de todos, e como o individualismo em estética não é umbiguismo.

Jorge Silva Melo construiu o seu documentário numa linha recta cheia de desvios. Estuda os quadros em ordem razoavelmente cronológica, quadros que vemos, que ele descreve, às vezes com aquele fantástico efeito de tautologia entre imagens e palavras, quadros que compara, que enquadra, que destaca. Lê o texto, quase sempre em *off*, como se lesse páginas memorialísticas (de súbito irrompem fotografias da Lisboa da sua infância), diz o texto, cita os críticos, repete o que foi dito, cita e recita, em registo aqui e ali sussurrado, respeitoso, como quando percorre a história da pintura reflectida em Nikias. Porque a história, a antiga e a que se foi vivendo, é um tema antigo de Silva Melo, a que nesta importante viagem documental sobre artistas portugueses se alia ao tema da memória. A memória que luta contra o esquecimento tão português. Numa colectânea chamada *Século Passado* (2007) encontramos vários textos sobre autores que o cineasta já tinha filmado ou viria a filmar, incluindo um sobre Skapinakis. E nele percebemos que Jorge Silva Melo também é um desses «outros» do «teatro dos outros», à medida que evoca as lutas políticas, as doutrinas estéticas, as imagens de Lisboa, os retratos dos amigos que já não estão. Melancólico entusiasta, Silva Melo encontra em Nikias Skapinakis, melancólico altivo, uma estranha cumplicidade: «Há no seu riso uma acidez luminosa. Ele não ri contra, não troça. Ri, proclamando uma distância entre si e ele próprio, uma elegância, talvez seja isso a melancolia». É certamente isso.

Pedro Mexia